

APRESENTAÇÃO

Cecilia M. B. Sardenberg¹

Em Julho de 2003, tive a oportunidade de participar do *workshop* “Mitos de Gênero: Reposicionando Gênero em Desenvolvimento”, que aconteceu no Institute of Development Studies – IDS (University of Sussex, Brighton, Inglaterra), sob a coordenação de Andrea Cornwall, Elizabeth Harrison e Ann Whitehead. Estiveram presentes várias pesquisadoras, ativistas, técnicas e representantes de agências e órgãos internacionais, dentre outras feministas, que se reuniram para discutir a relevância, assim como as limitações, da perspectiva de gênero nos estudos e intervenções para o desenvolvimento. Imbuídas da noção de que a política do discurso se apresenta como elemento central nos processos de transformação social, todas nós, participantes, refletimos sobre os "frutos ambíguos" resultantes da apropriação e re-significação, nas práticas e políticas de desenvolvimento, dos conceitos e discursos feministas, articulados para dar conta da posição das mulheres nas sociedades em desenvolvimento.

Foram momentos de profundas reflexões e muitas trocas, de grande valia para se (re)pensar a contribuição do pensamento feminista para o campo dos estudos de gênero e desenvolvimento. Tais reflexões sedimentariam a formulação do Projeto “Trilhas do Empoderamento de Mulheres” – o Pathways of Women’s Empowerment Research Program Consortium –, que vem sendo desenvolvido sob a coordenação de Andrea Cornwall, da University of Sussex, do qual o NEIM/UFBA tem participado desde 2006.

Os trabalhos apresentados e os debates por eles suscitados, durante a oficina de 2003, resultaram em um número especial do *IDS Bulletin* (Vol. 35, Número 4, 2004) e, posteriormente, em uma coletânea publicada sob o título *Feminisms in Development*:

¹ Possui graduação em Antropologia Cultural - Illinois State University (1977), mestrado em Antropologia Social - Boston University (1981), doutorado em Antropologia Social - Boston University (1997), e pós-doutorado como Visiting Researcher no Institute of Development Studies (IDS), University of Sussex, Inglaterra. Atua como Professor Associado III no Departamento de Antropologia e nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-PPG-NEIM e de Antropologia - PPGA, da Universidade Federal da Bahia. É membro fundadora do NEIM-Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Coordenadora Nacional do OBSERVE - Observatório de Monitoramento da Aplicação da Lei Maria da Penha.

Contradictions, Contestations & Challenges (London, Zed Books, 2007). Pouco tempo depois, o NEIM recebeu um apoio do BRIDGE, um órgão do IDS voltado para questões de gênero e desenvolvimento, para traduzir o número em questão do *IDS Bulletin* para o português. Por motivo de força maior, porém, não nos foi possível, naquele momento, publicar esse rico material em forma de coletânea. Contudo, como se poderá constatar neste dossiê, apesar de passada quase uma década desde a realização do referido evento, os trabalhos ali apresentados permanecem atuais e relevantes para as discussões hoje em pauta em torno do conceito de gênero e sua apropriação nos programas e projetos governamentais.

No primeiro número de *Feminismos*, queremos saldar nossa dívida publicando este dossiê, ainda que trazendo apenas uma pequena amostra desse rico material, de sorte a preservarmos os artigos em sua integridade. Iniciamos com o texto introdutório do boletim, “Reposicionando feminismos em gênero e desenvolvimento”, elaborado por Andrea Cornwall, Elizabeth Harrison e Anne Whitehead, que bem sumarizam os diferentes meandros das discussões desenvolvidas durante a *workshop*. Em especial, as autoras nos falam dos esforços discursivos empreendidos por feministas em diferentes campos de ação, para apreender – e transformar – a situação de mulheres em diferentes países e contextos de desenvolvimento, e refletem sobre como as elaborações feministas nesse sentido vem sendo apropriadas como generalizações que perdem seu sentido fora do contexto original, tornando-se, assim, apenas “mitos”.

O destaque está no próprio conceito de gênero: mitificado, ele acaba despolitizado. Como bem colocam as autoras:

Representado para tecnocratas e governantes como instrumento, abordagem ou mecanismo para o desenvolvimento, “gênero” torna-se destituído de intenção política. Sem dúvida, “gênero” tem se tornado uma “coisa” que todos sabem que devem fazer algo a respeito, mas, tem sido incluído em tudo como algo secundário, diluído, desnaturado e despolitizado. Um burocrata resumiu: ‘quando se fala de “gênero”, todos suspiram (CORNWALL, HARRISON, WHITEHEAD, neste dossiê).

No artigo “Os Mitos de Gênero que instrumentalizam as mulheres: uma Visão da

“Linha de frente” Indiana”, Srilatha Batliwala e Deepa Dhanraj tratam especificamente de dois complexos de mitos de gênero, um sobre o suposto empoderamento econômico de mulheres e outro sobre seu também suposto empoderamento político que, segundo elas, “estão sendo usados para converter as mulheres – principalmente as mulheres pobres – em instrumentos, tanto da agenda neoliberal, quanto da agenda fundamentalista na Índia.” Elas tecem suas reflexões não como críticas distanciadas, mas da perspectiva de feministas engajadas, diretamente envolvidas no próprio processo de “mitificação”, demonstrando como “bem-sucedidos esforços feministas” podem acabar perdendo sua força quando apropriados por essas agendas.

Em suas considerações sobre os movimentos de mulheres árabes, com destaque para os da Palestina, o trabalho de Islah Jad, “A ONG-anização dos movimentos de mulheres árabes”, lança um olhar crítico, de feminista engajada, para as organizações não-governamentais – Ongs de mulheres que vêm sendo enaltecidas pelos governos do Ocidente “como veículo vital para a mudança social e democratização”. Contudo, comparando as estratégias dessas Ongs com iniciativas nascidas nos movimentos sociais de base, Islah argumenta que, apesar de seu relevante papel na defesa dos direitos de mulheres árabes no plano internacional, as Ongs estão longe de promover, de fato, o empoderamento de mulheres e o desenvolvimento participativo nas bases. Segundo conclui a autora, “para afetar o desenvolvimento sustentável e democratização em bases mais amplas, será necessária uma forma de organização diferente, baseada numa visão fundamentada no contexto local e uma base de poder mais sustentável para a mudança social”.

Por fim, trazemos o artigo “Garotas de Programa mostram o caminho: Remodelando o Debate sobre o Tráfico pela perspectiva das Profissionais do Sexo”, em que Nandinee Bandyopadhyay, com Swapna Gayen, Rama Debnath, Kajol Bose, Sikha Das, Geeta Das, M. Das, Manju Biswas, Pushpa Sarkar, Putul Singh, Rashoba Bibi, Rekha Mitra e Sudipta Biswas nos oferecem uma “desmitificação” do tráfico de mulheres, a partir do olhar de profissionais do sexo. Como observam as autoras, “o mais persistente de todos os mitos do tráfico diz que o destino do mesmo é a prostituição, que todas as prostitutas são mulheres e, como nenhuma mulher escolhe deliberadamente ser prostituta, todas elas são traficadas”. Perdura também a noção de que “aquelas que são traficadas permanecem em

uma eterna situação de não ter nenhum controle sobre suas vidas, a não ser que sejam resgatadas por agentes externos, preferencialmente por organizações não-governamentais (ONGs) antitráfico [...]". Embora não neguem que isso possa, de fato, acontecer, as autoras argumentam, com base em narrativas de mulheres envolvidas na indústria do sexo, que esse não é necessariamente o caso de uma boa parte desse segmento de mulheres. Mais do que isso, elas nos falam da relevância de suas organizações específicas e, assim, de como grupos de mulheres marginalizadas podem se organizar para reivindicar direitos de cidadania.

No seu conjunto, os artigos incluídos neste dossiê nos alertam para os possíveis "desvios" que os discursos feministas podem sofrer quando postos em prática no campo das políticas públicas. Não raro, eles acabam se distanciando tanto dos propósitos originais a ponto de não serem mais reconhecidos por nós. Como minhas colegas do NEIM e eu ouvimos de um burocrata no curso de nosso trabalho de assessoria de gênero que prestávamos a um projeto de desenvolvimento rural na Bahia: "você estão fazendo feminismo, queremos que vocês façam gênero" (SARDENBERG, PASSOS, COSTA, 1999).

Essas considerações tornam-se especialmente importantes para nós, feministas brasileiras, num momento em que logramos ver muitas de nossas demandas hoje transformadas em políticas de amplitude nacional. Por tudo isso, achamos importante publicar este dossiê, recomendando, enfaticamente, também a leitura dos demais artigos contidos na coletânea reunida por Andrea Cornwall, Elizabeth Harrison e Ann Whitehead.

REFERÊNCIAS

CORNWALL, Andrea; HARRISON, Elizabeth; WHITEHEAD, Ann (Ed). *Feminisms in Development: Challenges, Contradictions and Contestations*. Cidade: Londres. Zed Books, 2007.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar; COSTA, Ana Alice A.; PASSOS, Elizete. Rural Development in Brazil: Are we practising gender or feminism? *Gender And Development*, Oxford, UK, v. 7, p. 28-38, 1999.